

O espaço de um artigo não permite, infelizmente, trabalhar com mais exemplos e pôr à prova, de maneira mais segura, as interpretações a que cheguei ao longo de meu texto. Espero ter, ao menos, levantado pontos de discussão dos manuscritos de *À la recherche du temps perdu*, livro cuja grandeza artística e volume material sempre nos deixará descontentes entre o que fomos capazes de dizer e o que pressentimos ainda poder ser dito sobre ele.

BIBLIOGRAFIA CITADA

- PROUST, Marcel. *A la recherche du temps perdu*. Paris: Bibliothèque de la Pléiade, T.I 1987, T.II 1988, T.III 1988, T.IV 1989.
- . *Jean Santeuil*. Paris: Gallimard, 1971.
- BENJAMIN, Walter. *Diário de Moscou*. Prefácio Gershom Scholem; trad. Hildegard Herbold. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- DELEUZE, Gilles. *Proust et les signes*. Paris: Presses Universitaires de France, 1964.
- FALLOIS, Bernard de. "Préface", In: *Contre Sainte-Beuve*. Paris: Gallimard, 1954, ambas as citações, pp. 07-42.
- KRISTEVA, Julia. *Le temps sensible. Proust et l'expérience littéraire*. Paris: Gallimard, 1994.
- LEOPOLDO E SILVA, Franklin. "Proust: o pathos da temporalidade" (cópia xerox).
- TADIÉ, Jean-Yves. "Introduction générale", In: *À la recherche du temps perdu*, I, p. IX-CVII.
- WILLEMART, Philippe. *Proust, poète et psychanaliste*. Paris: L'Harmattan, 1999.

A VISÃO MÍSTICA E O GOZO DA MULHER

VERÓNICA GALÍNDEZ JORGE
LABORATÓRIO DO MANUSCRITO LITERÁRIO
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

RESUMO

Este artigo pretende apresentar algumas dimensões interpretativas desenvolvidas durante a pesquisa de mestrado. O artigo não pretende resolver questões puramente teóricas, mas desenvolvê-las como dimensões da alucinação, construídas para além do texto, a partir de uma leitura não-linear dos manuscritos de Flaubert.

RÉSUMÉ

Cet article présente quelques dimensions interprétatives, développées pendant la recherche en DEA. Il ne prétend pas résoudre des questions purement théoriques, mais les traiter comme des dimensions de l'hallucination, construites au-delà du texte, tout en partant d'une lecture non-linéaire des manuscrits flaubertiens.

ABSTRACT

The aim of this article is to present some interpretative dimensions developed in the master's research. It does not intend to solve purely

theoretical questions, but develop them as dimensions of hallucination, built up beyond the text, from the non-linear reading of Flaubert's manuscripts.

Este artigo visa complementar o texto apresentado à mesa intitulada "Abordagens Metodológicas do Manuscrito" no último congresso da Anpoll, em junho de 2000, Niterói. Trata-se de parte de um capítulo desenvolvido na dissertação de mestrado *Alucinação, memória e gozo místico. Dimensões dos manuscritos de "Un cœur simple" e "Hérodias" de Flaubert*, defendida em 31 de Julho de 2000, na Universidade de São Paulo.

Em sua correspondência, Flaubert resume a história de seu conto:

L'Histoire d'un cœur simple est tout bonnement le récit d'une vie obscure, celle d'une pauvre fille de campagne, dévote mais mystique, dévouée sans exaltation et tendre comme du pain frais. Elle aime successivement un homme, les enfants de sa maîtresse, un neveu, un vieillard qu'elle soigne, puis son perroquet; quand le perroquet est mort, elle le fait empailler et, en mourant à son tour, elle confond le perroquet avec le Saint-Esprit. Cela n'est nullement ironique comme vous le supposez, mais au contraire très sérieux et très triste. Je veux apitoyer, faire pleurer les âmes sensibles, en étant une moi-même.¹

1. A História de um coração singelo é simplesmente a narrativa de uma vida obscura, a de uma pobre moça do campo, devota mas mística, dedicada sem exaltação e tenra como o pão fresco. Ela ama sucessivamente um homem, os filhos de sua patroa, um sobrinho, um velho de quem cuida e seu papagaio; quando o papagaio morre, ela o manda empalmar e quando chega sua hora de morrer, ela confunde o papagaio com o Espírito Santo. Não tem nada de irônico como possa lhe parecer, pelo contrário, é muito sério e muito triste. Quero enternecer, fazer chorar as almas sensíveis, já que eu mesmo sou uma. Carta a Mme. Roger des Genettes, 19 de junho de 1876 (tradução nossa).

Os lábios que sorriem, as pálpebras fechadas, o êxtase divino. Difícilmente poderíamos contornar a inevitável associação com a escultura do *Êxtase de Santa Teresa d'Ávila* de Bernini. Se não tivéssemos os manuscritos, e a falta de alusão à escultura do Italiano, garantiríamos que a morte de Félicité seria a reinterpretação literária do mesmo gozo.

Um vapor azul subiu no quarto de Félicité. Ela avançou as narinas, inalando-o com uma sensualidade mística; depois fechou suas pálpebras. Seus lábios sorriam. Os movimentos de seu coração diminuíram um a um, cada vez mais vagos, mais suaves, como uma fonte se esgota, como um eco desaparece; e quando exalou seu último suspiro ela acreditou ver, nos céus entreabertos, um papagaio gigantesco, planando acima de sua cabeça.

A psicanálise nos garante tal aproximação por meio das reflexões acerca do gozo da mulher, encontradas no *Seminário XX* de Lacan. A primeira pergunta que nos fizemos foi acerca da relação existente entre a morte da personagem e a visão alucinatória. Em seguida, acerca da relação entre a alucinação e os sentidos vitais da personagem – ou seja, o fato de se tratar de uma visão numa personagem que perde a audição.² Finalmente o caráter divino, místico, da alucinação.

Como consequência de um resfriado, ela pegou uma angina; pouco tempo depois, uma dor nos ouvidos. Três anos mais tarde, ela ficou surda; e falava muito alto, mesmo na Igreja. Ainda que seus pecados pudessem, sem desonra para ela e sem inconveniência para o

2. Par suite d'un refroidissement, il lui vint une angine; peu de temps après, un mal d'oreilles. Trois ans plus tard, elle était sourde; et elle parlait très haut, même à l'église. Bien que ses péchés auraient pu sans déshonneur pour elle, ni inconvénient pour le monde, se répandre à tous les coins de la diocèse, M. le curé jugea convenable de ne plus recevoir sa confession que dans la sacristie (Flaubert, 1952: 614).

mundo, espalhar-se pelos quatro cantos da diocese, o pároco julgou necessário só ouvir sua confissão na sacristia.

Desde o primeiro plano do conto estabelece-se uma relação entre o rito católico da procissão e o caráter da visão: mística, a confusão entre o Espírito Santo e Loulou era essencial.

Fête-dieu.- Reposoir

Battements de coeur. Appréhension

Tableau.

L'émotion est trop forte - une attaque

À l'hôpital. Vision mystique. Son perroquet est le st. Esprit.

Elle meurt saintement.

il m'a semblé que les chaînes des encensoirs

étaient le bruit de sa chaîne. - Est-ce un pêché mon père.

- non mon enfant.

Et elle expira (Bonaccorso, 1983: 3 - plano).

A morte deveria encerrar um caráter santo. Isso significa que o conto foi construído com um desfecho preestabelecido. O caráter santificador de personagens está, por sinal, presente nos três contos: Saint-Julien, que se transforma em santo mesmo após haver assassinado seus pais; Iaokanann, que, ao ser decapitado, ganha seu lugar como Saint Jean Baptiste; e Félicité, que, apesar de não ser uma santa reconhecida, poderia tê-lo sido, já que se trata de um conto contemporâneo. Em "Un Cœur Simple", ao contrário do que acontece com Santa Teresa, a "revelação" não se espalha, afinal, Félicité morre.

A visão mística de Félicité também é construída, na narrativa, a partir do silêncio. Assim como Antipas, esta personagem desencadeia uma alucinação a partir de um estímulo sensorial: o odor do incenso. Aqui, se pensarmos na memória involuntária de Proust, não estamos muito distantes das motivações criadas nas cenas dos paralelepípedos da rua, do chá de tília, da frase de Vinteuil (Proust, 1987).

Os membros da igreja, os cantores e as crianças enfileiravam-se nos lados. O padre subiu lentamente os degraus e colocou sobre a renda um grande e brilhante sol dourado. Todos se ajoelharam. Fez-se um grande silêncio. Os incensórios balançavam, deslizando em suas correntes.

Num primeiro momento do desenvolvimento da cena nos manuscritos a visão mística não se concretiza de maneira fluida, configurando-se um engano de percepções, o que denotaria o caráter patológico da alucinação, restringindo-a a simples sintoma de sua pneumonia. O delírio transforma-se em divagação, ainda no quadro da doença.

Commencement de délire les perceptions sont confuses. L'encens monte jusqu'à Félicité par la fenêtre ouverte. Elle confond le St-Esprit et le Perroquet, planant sur elle dans les cieux - et meurt

Et quand elle exhala son dernier souffle...quand (une phrase très longue). Cette vie. Terrestre. S'éteignit...elle crut voir le Perroquet.....comme un St-sprit. Planant audessus de sa tête

<rêverie sur le St-Espr. dans sa maladie finale>

<X l'avoir préparé par ironie qqu'un a dit en parlant de lui "comme le St Esprit" - "par la grâce du St-Esprit" ³

A palavra alucinação aparece nos manuscritos, mas é atribuída a Mme. Aubain após a morte de Virginie. Paralelamente, a educação religiosa de Félicité, que se faz de forma indireta durante o catecismo de Virginie, determina sua relação com o divino. Tudo o que ouve a respeito da Bíblia é transformado em imagens e imediatamente relacionado à sua vida, aos animais que conhece, aos vitrais da Igreja. Tais imagens que criava a entretinham durante horas, e a

3. Id., ibidem, p. 23, fôlio 394.

cena que deveria conter esse tipo de meditação, a ser descrita na cozinha, não se concretiza.

Il faut avoir préparé le St Esprit. Lors du catéchisme, i/ elle réfléchit, ou tâche de réfléchir aux Mystères, ou plutôt, ils lui arrivent sous forme d'images. Ce qui la frappe le plus c'est ; l'élément aérien, le Dieu muet, flottant dans l'air. se perdant dans le ciel, dans l'azur l'oiseau. Elle ne comprend Jésus que comme homme deux ou trois tableaux de l'Évangile -la pêche miraculeuse etc.

Para esta personagem, contrariamente ao que acontece com Mme. Aubain, Deus disporia de todas as almas, que seriam chamadas cada uma a seu tempo, de acordo com suas necessidades. Já para a patroa, temos apenas o inconformismo diante da morte de sua filha que se desenvolve em desespero, refletindo-se em pesadelos repetidos que lhe tiram o sono. Numa relação de causa-consequência, a debilitada Mme. Aubain morre de pneumonia. Abre-se o paralelo para a morte de Félicité, que começa a delinear-se como um reflexo antinômico de sua patroa, gerando mais um dos binômios flaubertianos.

Le désespoir Désespoir illimité et maladie nerveuse de Me. Aubain <fut illimité>. Bien qu'elle pratiquât elle n'avait pas beaucoup de religion. -<Elle> trouvait/e injuste que Dieu le ciel l'eut tant punie, - elle qui n'avait fait que le bien.

"Mais puisque Dieu le veut"<lui> grommelait Félicité -puisque Dieu le veut."

Elle eut deux ou trois hallucinations ...les décrire.⁴

Acompanhamos, durante a construção da cena, como se dá o processo de beatificação do papagaio após sua morte. Todavia,

4. Id., ibidem, p. 276, fôlio 403.

é curioso observarmos que tal processo coincide com o esgotamento gradual dos sentidos de Félicité. Num primeiro passo, é a surdez que a invade e o narrador nos informa que o único que ela ouvia era o papagaio, este torna-se, então, seu intérprete do mundo. Não é o primeiro caso de comunicação com os animais, afinal, Félicité já havia salvado a família Aubain do ataque de um touro, que enfrentara sem questionar-se. Temos uma variante do recurso tão comum, de objetificação de pessoas e personificação de objetos, à narrativa flaubertiana. Neste conto, o binômio pode ser visto como animais/pessoas – ou ainda animais/Félicité.

Apesar de seu primeiro retrato de madeira, Félicité não era desprovida de sentimentos, de vida interior comum. O que a torna uma "alma simples" é provavelmente a falta de articulação; afinal, raras são as cenas que nos oferecem um diálogo da personagem. Curiosamente, essa falta de voz exterior era compensada durante as orações diárias. Na versão publicada, após o empalhamento do papagaio, Félicité rezava diariamente diante do mesmo como se este fosse santificado pela estreita ligação que acreditava existir entre ele e o Espírito Santo. Já nos manuscritos, essas orações eram acompanhadas de lamentações. Não podemos nos esquecer que reprimira dores de todos os tipos, a exemplo de uma chicotada consolada pela imagem do papagaio e das mortes nunca choradas de seus entes queridos. A abstração não era total, seus sentimentos precisavam da proteção divina e do silêncio de seu quarto, semelhante ao de uma devota de convento.

Sa ressemblance lui parut encore plus manifeste sur une image d'Épinal, représentant le baptême de Notre-Seigneur -Avec ses ailes de pourpre <vermillon> et son corps d'émeraude c'était vraiment le portrait de Loulou L'ayant acheté, elle le suspendit à la place du comte d'Artois, de sorte que du même coup d'oeil, elle les voyait ensemble. i/Ils s'associèrent dans sa pensée, le Perroquet se trouvant sanctifié par ce rapport avec le St-Esprit, qui devenait plus vivant à ses yeux et intelligible. Le Père <éternel>, pr. s'énoncer n'avait pu choisir une colombe, puisque ces bêtes-là n'ont pas de voix mais

plutôt un des ancêtres de Loulou. et Félicité en était convaincue. Elle faisait ses prières devant> priait en regardant l'image, <et> mais de temps à autres se tournait <ses regards regardait un peu vers l'oiseau. 5

A exemplo do Cristo, ela também tivera sua via-crúcis: desprovida de amor, chicoteada por seus patrões quando seu idílio foi descoberto – fato que não foi incluído na versão publicada –, chicoteada por um homem numa carroça que Félicité não ouvira chegar, reprimida quando das mortes de Virginie, Victor e seu papagaio. Perdoava sempre a insensibilidade de sua patroa, era explorada por sua família sem se importar, cuidava dos doentes com devoção. Nada mais natural que ser salva pelo Espírito Santo quando de seu suspiro final.

É curioso observarmos como o amor desta personagem vai sendo experimentado sob forma de adoração. Logo após o abandono de seu primeiro amor, inicia-se uma cadeia ininterrupta de objetos de culto, todos eles escolhidos pelo olhar da personagem, conduzindo-nos ao conceito lacaniano de pulsões. Esse olhar voraz parece mantê-la viva, dar-lhe novo fôlego a cada surpresa – ou mais explicitamente a cada desaparecimento do objeto que contorna. Os filhos de sua patroa pareciam ser feitos de matéria preciosa, o amor desmesurado que sente por seu sobrinho é despertado logo no primeiro olhar, a rica e colorida imagem do papagaio substitui facilmente os anteriores. Todavia, nos manuscritos temos alguns indícios que apontam para uma personagem míope, mas a surdez prevalece na versão publicada, fazendo da visão, do olhar, seu canal vital de relação com a realidade que a rodeia. Curiosamente, no auge de sua doença, a visão falha e não percebe que seu papagaio havia sido bastante roído pelas traças.

*Apesar de não ser um cadáver, os vermes o devoravam;
tinha uma asa partida e a estopa lhe saía do ventre.
Mas, cega como estava, Félicité beijava-o na cabeça e*

5. Id., ibidem, p. 405, fôlio 264.

afagava-o contra o rosto. Simone tomou-o de volta, para colocá-lo no altar.

Resta-lhe uma última saída, seu olfato lhe permite circundar mais uma vez seu objeto, o papagaio. Mas, desta vez, parece que reconhece seu desejo, a visão mística vem acompanhada de êxtase sensual, a morte parece chegar para coroá-la.

Félicité hume avec tant de sensualité l'encens qui monte de la rue que Flaubert écrit narrines avec deux r jusque dans la dernière copie. Certes, c'est la graphie habituelle du mot, mais peut-être faut-il lire parfois les fautes d'orthographe comme des symptômes, et non comme des étourderies (Genette, 1988: 107).

Tocamos então no gozo místico, que Lacan atribui exclusivamente à mulher, a exemplo das experiências místicas, mais precisamente exemplificado pelo êxtase de Santa Teresa d'Ávila. O desejo de união já havia sido expresso por relações metonímico-metafóricas entre Félicité e o papagaio: as cores das patas e da pele da personagem, por exemplo.⁶ Ou seja, o Espírito Santo seria a face do Outro representada por Deus nos místicos.

Lacan anuncia que o amor experimentado pela mulher é muito diferente, já que lhe falta o falo. Isso faria com que o desejo de união adquirisse outro nível, determina-se um terceiro para a relação que seria o representante do Outro, no caso, Deus. Mais a mulher ama, mais presta homenagem a esse Deus. Seria a partir desse raciocínio que insere o místico. Trata-se de entrever, de experimentar “a idéia de que deve existir um gozo que esteja para além”. Os

6. GENETTE, 1988: 91, pelo que conclui: *Le modèle culturel sous-jacent est celui que nous appellerons la “mort mystique”, la mort béate. Elle est caractérisée ici par l'identification totale entre l'objet transitionnel et l'objet absolu, traduite par l'addition: “vision mystique. Son perroquet est le St Esprit”. Pour une mystique, il n'y a pas le hiatus entre le terrestre et le céleste; on peut même dire que le glissement est naturel, de la copulation sublimée à la copule. C'est ce qu'exprime le verbe être dans sa maladresse et, je dirais, sa pureté.*

místicos relatariam sua experiência sem nada compreenderem. Trata-se da necessidade de uma transcendência.

Flaubert nos anuncia que sua personagem encontra a verdade nessa transcendência, vê-se deparada com seu desejo, impossibilitada de continuar vivendo. Os céus divinos se abrem e ela “acredita ver” um papagaio gigantesco que vem salvá-la. O paralelo com Jesus Cristo é mais uma vez óbvio, já que o Espírito Santo, que aparece aos apóstolos como línguas de fogo, é prova de salvação. A Santa Trindade se completa, é a verdadeira união e, talvez, a única possível. Tudo o que Félicité tentara compreender acerca do mistério divino apresentava-se diante de seus olhos fechados, num êxtase místico, mas também de gozo. É esse gozo que a faz transcender, separando-a finalmente da paridade que determinara suas ações: Mme. Aubain. Flaubert nos coloca sobre a via do gozo feminino de Lacan, justamente, ao diferenciar sua alucinação das outras duas existentes no mesmo volume. Pode, por outro lado, ser uma tentativa de evitar o final banal, como sugere ainda Genette (1988:112):

(...) une “exacte incertitude”. En cela, l'excipit d'UnCœur Simple est peut-être exemplaire et marqué de la double fonction d'une fin de roman: fermer la diégèse, ouvrir la réflexion. Ce qui évite peut-être, une fois de plus, la bêtise de vouloir conclure. Si toute conclusion naît de la bêtise, et donc vit, c'est-à-dire en traite, toutefois elle ne meurt pas, puisqu'il ne saurait y avoir de mot de la fin. Elle est donc immortelle, et c'est toute la félicité qu'on peut souhaiter au roman comme à ses lecteurs.

O desejo, que se tenta alcançar dando vazão às pulsões, que nos fazem procurar objetos de apaziguamento e, portanto, levam-nos a viver, aproxima Flaubert do discurso psicanalítico, justificando e, talvez, renovando mais uma vez sua atualidade. Afinal, descobrir mais a respeito desse desejo que nos move e a procura pelo amor são questões intrínsecas do homem, e a literatura mostra-se um campo privilegiado para a exploração desses caminhos.

BIBLIOGRAFIA

- BONACCORSO, Giovanni et coll. *Corpus flaubertianum. I* – “Un cœur simple”. Paris, Les Belles Lettres, 1983.
- FLAUBERT, Gustave. “Un cœur simple” e “Hérodiades”. In. *Trois contes. œuvres*. Paris, Gallimard – Pléiade, 1952.
- GENETTE, Raymonde D. “Comment faire une fin”. In. *Métamorphoses du récit. Autour de Flaubert*. Paris, Seuil, coll. Poétique, 1988.
- LACAN, Jacques. *Le séminaire. Livre XX. Encore*. Paris, Seuil, coll. Points – Essais, 1975.
- PROUST, Marcel. *A la recherche du temps perdu*. Paris, Robert Laffont, coll. Bouquins, 1987 en trois tomes.